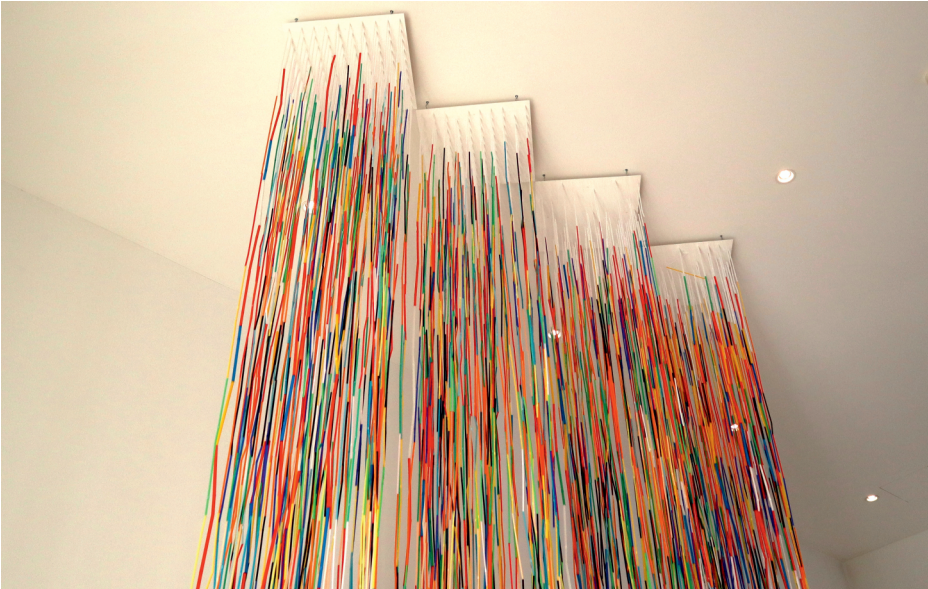


O OBITUÁRIO



Sob o mesmo teto que alberga a Plasticidade – exposição que deixa a descoberto o triunfo da indústria dos plásticos em Portugal, que eleva os seus objetos e que os transporta para um futuro que deveria ser já hoje – apresenta-se esta grande cortina sem janela. Chamamos-lhe 'o obituário'.

Em março de 2019, o Parlamento Europeu aprovou a lei que proíbe a venda de produtos de plástico de utilização única, em toda a União Europeia, a partir de 2021. Desplastificar o quotidiano, abolir o descartável, desnecessário e onnipresente plástico, tornou-se bandeira ambiental, ainda mal integrada pelo mercado e pela sociedade. Como diz a campanha internacional 'Straw War': “Don't be a sucker! Say no to plastic straws!”

Na tentativa de retirar o maior número de palhinhas de tentações incautas e no pressuposto de que estas já não vão parar ao mar, foram compradas mais de 10.000 palhinhas para este obituário, a maior parte já em 2021.

(Nota: Quando estas palhinhas saírem do museu, delas se farão cortinados.)

O PERSPECTÓGRAFO



Na janela do convento onde colocar cortina seria insensato, instalou-se uma tapete vermelho. O pressuposto mantém-se: o de criar um palco de observação para a cidade. Se especial é a imagem que esta janela emoldura (VIP com certeza), também o quer ser o palco que se criou para observar mais e melhor.

Porque desenhar o que está visível é o objetivo deste aparato com rodas e porque se inspira nas primeiras tentativas de solucionar o problema de representação da profundidade numa superfície plana, chamamos-lhe perspectógrafo.

Este objeto de escala humana, reinventa o “véu de Alberti” a que Leonardo Da Vinci e Piero della Francesca dão continuidade como alicerces matemáticos da perspetiva cónica.

Imagine-se que entre a cena a representar e um feixe de linhas que partem do observador (também elas imaginárias) se interpõe um plano transparente. Cada uma dessas linhas, ao atravessar o vidro, dará um ponto. Desses pontos unidos, resultará a representação bidimensional de uma realidade tridimensional.

Mas, sem qualquer dependência de quaisquer regras, este perspectógrafo aceita todos os desenhos.

(Nota: A passadeira vermelha vai ser reutilizada. Não o sendo, reciclada será com certeza. O perspectógrafo passa a ser objecto do Museu de Leiria e passear-se-á por aí para receber momentos de desenho que se vão substituindo.)

A CAMPANHA



«Tornando-se absolutamente necessário, a bem da salubridade pública, auxiliar os civilizadores e humanitários esforços da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, tendentes a abolir o anti-higiénico uso do pé descalço, são convidadas por este meio, todas as pessoas que transitam publicamente nestas condições, a absterem-se por completo.

A partir do dia 20 de maio corrente, todas as pessoas encontradas descalças na via pública serão convidadas pelos agentes da autoridade a acompanhá-los à respectiva esquadra ou posto público policial, para ali declararem quais os motivos porque não podem acolher o salutar conselho da referida Liga. (...)»

Campanha “O pé descalço, uma vergonha nacional que urge extinguir”, 1928

'Leiria, o berço da urbanidade portuguesa', já imaginaram?

Pois é. Em 1927 é fundada, em Leiria, a empresa Nobre & Silva, que sob a égide da saúde pública e respondendo às necessidades básicas da população, inicia a produção de alpercatas com sola de borracha (um material plástico), permitindo a sua ampla aquisição e utilização a preços acessíveis.

A difusão deste calçado “estreitou”, por isso, o caminho entre o campo e a cidade. O plástico permitiu aproximar e articular meios rural e urbano, por tradição, social e fisicamente distantes.

As virtudes da democracia do plástico, traz-nos ao século XXI, a pesada e urgente responsabilidade de “descalçar a bota”.

ENTRE CÁ E LÁ, A FELIZ RURBANIDADE



Sob o mesmo teto que alberga a Plasticidade – exposição que deixa a descoberto o As janelas do convento (momentos-chave deste percurso) são ponte entre interior e exterior. Como já se referiu, da espessura das paredes, junto às janelas, se fazem 'postos de observação', lugares e palcos pessoais para um olhar de dentro para fora: do convento – antigamente implantado nas terras agrícolas do Lis – para a Leiria de hoje.

As cortinas de fita mosqueira são um marco da identidade das cozinhas e anexos sociais fora da casa-mãe, onde os alimentos se transformam, onde se está e vai ficando (alegremente mas sem moscas, por favor!), entre um cá e um lá, um dentro e um fora, sob um teto e um pátio. Esse plástico que se arreda para o lado, é pois um interface entre universos que se aproximam.

Nesse plano vertical, nesse espaço das janelas, nesse interface do espaço do convento para o exterior, a dupla campo-cidade ou rural-urbano, encontra-se esbatida e já não é dual.

(Nota: Estas fitas mosqueiras serão devolvidas à fábrica. O plástico que as compõe, o policloreto de vinil, pode ser reintroduzido no circuito de transformação do plástico – se assim não fosse, para onde iria? – e ganhar nova função, longa e ainda útil.)

Ana Bonifácio

Ana Bonifácio (1975), nasceu em Leiria, cresceu na Marinha Grande, vive e trabalha em Lisboa.

É arquiteta de formação (Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, 1999) e profissão. Especializou-se em 'Espaço Público e Regeneração Urbana: Arte e Sociedade' (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Barcelona, 2006).

Nos últimos anos tem vindo a subtrair o estatuto marginal e acessório da prática artística para lhe dar novos contornos e presença. Um conjunto de projetos que partem de referências da arquitetura, do urbanismo e da sua leitura pessoal, material ou abstrata, do contexto espacial, do lugar e do território, têm vindo a ser estimulados numa espécie de 'expiração multidirecional'. Assim, sob o constructo de uma narrativa presente, os resultados vão cruzando desenho, fotografia, pintura, reinterpretação dos objetos e instalação.

No seu trabalho artístico coloca, como reflexões primordiais, a relação de proximidade e intimidade com o espetador e a apropriação individual e coletiva do espaço público como lugar pleno da pluralidade e palco natural da democracia.

PÉS DESCALÇOS E JANELAS DESCORTINADAS UM CAMINHO NO CONVENTO

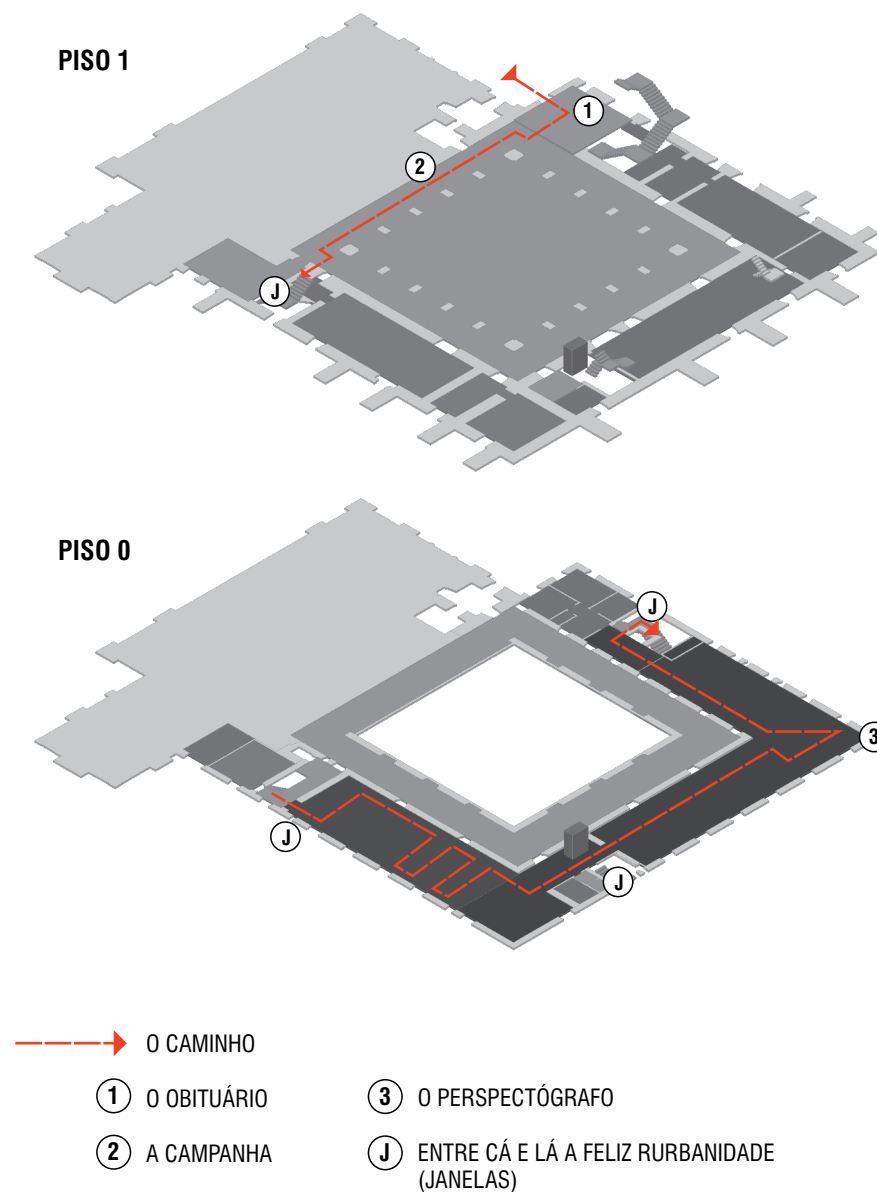
Desta *Plasticidade – Uma História dos Plásticos em Portugal* (exposição que a pandemia, com justiça, fez prolongar) se fez 'residência artística expandida' para uma nova narrativa sobre território e plástico.

Em terras férteis junto ao Lis, bem perto de um moinho de papel, instalou-se no século XVI, um convento que gozava de boa distância do burgo daquele tempo. E o tempo fez crescer o casario. E o convento, que era longe, ficou perto. E o caminho ficou curto.

E neste caminho que agora se propõe – percurso expositivo em 'contramão' –, o mote foi, de princípio, a relação deste lugar com a cidade que foi berço da democratização dos plásticos.

Das janelas se fizeram os momentos-chave deste percurso. Da espessura das paredes, junto às janelas, se fazem 'postos de observação', os lugares e palcos pessoais para um olhar sobre o exterior.

Por essa razão, umas cortinas especiais, não originais, conhecidas e de plástico (e que nunca cá estiveram), promovem o interface entre 'dentro e fora'. Estas cortinas efémeras só cá estão para se arredarem. E estas cortinas inspiraram um obituário, a campanha do pé descalço, uma feliz *rurbanidade* e um aparato para desenhar.



PLASTICIDADE

Pés descalços e janelas descortinadas um caminho no convento

Promotor: Município de Leiria

Coordenação: Vânia Carvalho

Produção: Mário Coelho; Sara Marques da Cruz

Textos: Ana Bonifácio

Tradução: Ana Bonifácio

Revisão de textos: Cátia São José

Projeto museográfico: Ana Bonifácio e Humberto Dias

Design gráfico e de comunicação: Paulo Fuentes

Execução e montagem: Bigbrand – Publicidade, Lda; Cristovão Miguel Duarte. Unipessoal, Lda; Systrar - Arquitetura, Engenharia e Construção, Lda; Stone Repair – Obras e Reparações civis, Lda



Mais informações:

Tel.: 244 839 677

museuleiria@cm-leiria.pt

Exposição temporária

Ana Bonifácio

de abril a agosto de 2021